

“SALVE A JUVENTUDE” - DESAFIOS E PERSPECTIVAS DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS: POR UM CAMINHAR DECOLONIAL

Autor: Greice Regina Bolgar dos Santos; Orientador: Cláudia Miranda

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
bolgargreice@gmail.com; mirandaunirio@gmail.com

Introdução

O jovem no Brasil não é levado a sério
Porque o jovem no Brasil só é levado pro cemitério
Mortes, genocídio da população negra
Acorde, antes que bote uma bala na sua cabeça
Reconheça, na periferia já existe intervenção militar
Invenção pros boy militar
(...)

Aproveite e lute como jovem
Porque aqui o Levante já vem, já vem

Eu tô cansado da alienação
Hoje eu vou fazer uma revolução
Peguei a caneta e parti pra cima
Hoje a história vai ser reescrita
(Salve a Juventude – MC Mestiço)

A música “Salve a Juventude” do MC Mestiço tem como foco o jovem brasileiro, a partir de seus anseios e difíceis trajetórias. O trecho destacado aqui traduz e denuncia parte dos desafios que milhões de jovens enfrentam diariamente. O trecho “o jovem no Brasil não é levado a sério” expressa uma tendência comum da sociedade em não considerar esses sujeitos como partícipes, interlocutores e atores importantes na estrutura social, econômica e política brasileira.

Esses jovens podem falar? Essa é uma pergunta muito recorrente quando abordamos a juventude, principalmente a partir de sua participação social. O trecho “Eu tô cansado da alienação”, direta ou indiretamente responde ao questionamento apresentado, pois apesar de possuírem uma representatividade marcante, os jovens ainda aparecem silenciados na maioria dos espaços da estrutura social vigente. Em contrapartida, quando diz “Hoje eu vou fazer uma revolução”, essa “voz” caminha para ações juvenis imbricadas de resistências e, indo mais além, (Re)existências.

Estudos recentes apontam a importância de pensarmos o conceito de ser jovem enquanto categoria social com suas diversidades culturais e, portanto, com experiências e práticas sociais historicamente situadas, o que pressupõe uma concepção de juventude com experiências e contextos sociais próprios, jamais únicos e universais. Nesse caminhar epistemológico, surgem algumas indagações: quem são os jovens abordados pela música? Quem são os jovens que dizem: “porque o jovem no Brasil só é levado pro cemitério”? Quem são os jovens que a tv aborda, os jornais denunciam e a escola exclui?

Para iniciarmos um diálogo com tais questionamentos, abordaremos o entendimento do termo Juventude, suas características históricas, evolução e ressignificações.

Metodologia

Nosso “caminhar metodológico” partiu de um levantamento bibliográfico de importantes teóricos do campo da educação, voltados para a temática da Juventude na América Latina, tais como: Juarez Dayrell, Miriam Abramovay, Luiz Carlos Gil Esteves, Clarice Cassab, que enfatizam a importância do estudo heterogêneo da juventude, privilegiando suas especificidades e condições juvenis. Em seguida, seguimos para um “olhar decolonial” dessas juventudes, com a contribuição de autores como Catherine Walsh, Cláudia Miranda e Aníbal Quijano.

Resultados e Discussões

Os estudos e a realidade da sociedade demonstram que não existe um único tipo de juventude, mas grupos juvenis diversificados, com anseios, expectativas, realidades e experimentações heterogêneas. Sendo assim,

a juventude por definição é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc (ABRAMOVAY e ESTEVES, 2007, p. 21).

Para chegarmos a um patamar de ressignificações da juventude no mundo e mais focalmente no Brasil, trilhamos um longo caminho epistemológico. Pensar a juventude de hoje é pensar na história percorrida por essa categoria ao longo dos anos. Essa afirmação dialoga com Cassab (2001), quando diz que “muitas das representações que se tem do jovem e da juventude hoje, são herdeiras de representações pretéritas oriundas do pensamento ocidental europeu” (p. 146).

Essa constatação reforça as reflexões anteriores, da juventude como uma categoria histórica e cultural. O estudo de Cassab traz o entendimento das categorias juventude e o jovem ao longo do tempo, mostrando a importância de compreendermos essa evolução para analisarmos o que “está posto” e o que “caminhou” para uma ressignificação dessa juventude.

A categoria juventude, já na Idade Média estava associada à desordem e a sociedade era responsável, juntamente com a família e a escola pela disciplina desse jovem: “os escritos pintam uma juventude turbulenta, ruidosa, violenta e perigosa. Jovens que não respeitam nada e transgridem a ordem social e moral, desprezando os valores estabelecidos e os mais velhos” (p. 149). O cenário descrito por Cassab na Idade Média é o mesmo que a música “Salve a Juventude” “(de/a)nuncia”? O que mudou? O que não mudou?

Talvez essa afirmação da autora, responda aos questionamentos levantamos aqui:

... a juventude adentra o século XX como um problema e um campo de intervenção das ciências e das políticas públicas. Seus desejos, seus impulsos, sua imprevisibilidade, precisam ser controlados e disciplinados. O aparecimento de uma juventude libertária, que se movimenta e se mobiliza contra o que considera ranços de atraso ou mesmo injustiças, parece contribuir para corroborar essa concepção. (CASSAB, 2011, p. 157).

O cenário acima, “de ontem”, parece representar o “de hoje” e dialoga com o pensamento de Dayrell (2009) quando afirma que as imagens e preconceitos sobre a juventude, são quase sempre abordados sob perspectivas negativas. Apesar da “negatividade” se fazer presente na história do jovem brasileiro, da camada popular, negro e subordinado, vemos uma evolução epistemológica

dessa categoria, que para muitos estudiosos necessita de um “novo olhar”, já que estamos falando de uma série de “diferentes” jovens.

Essas constatações reforçam o pensamento de Abramovay e Esteves sobre a necessidade de irmos mais além no entendimento da juventude, compreendendo-a no plural, como *juventudes*. Nesse sentido, a definição dessa categoria, “em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados” (2007, p. 25).

Essa condição juvenil, segundo Dayrel (2007) precisa ser ressignificada, uma vez que, hoje no Brasil constata-se a existência de uma *nova condição juvenil*. Nesse cenário, quem é o jovem que diz: “peguei a caneta e parti pra cima. Hoje a história vai ser reescrita”? Nessa reescrita, qual seria o papel da escola? Para o autor, a escola, apesar de representar um espaço importante, ainda não se renovou diante das novas demandas apresentadas por esse público jovem, “ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade” (p. 1.117).

Ao mesmo tempo em que a escola ignora as especificidades e representações juvenis, a sociedade “marginaliza” as ações desses atores. Predomina, nesses espaços, “uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens. (...) quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à ideia do risco e da violência, tornando-os uma ‘classe perigosa’” (DAYRELL, 2007, p. 1.117). Essa constatação está em sintonia com a música de MC Mestiço, principalmente quando diz que “a principal causa de morte entre os jovens no Brasil é o homicídio, a maioria dessas mortes são de jovens negros”. Quem são esses jovens, subordinados, silenciados e excluídos? Quais são suas condições juvenis?

As juventudes, “levadas pro cemitério”, “mortas nas favelas”, refletem no “espelho eurocêntrico”, uma identidade racial, colonial e, conseqüentemente negativa (QUIJANO, 2005). Os processos de marginalização/criminalização desses jovens podem ser compreendidos a partir de uma crítica ao colonialismo, contribuindo para o entendimento da vitimização e subalternização juvenil.

Frente às suas condições de subdesenvolvimento, de subordinação e de pobreza, esses jovens apresentam posições definidoras de suas trajetórias e ações juvenis, as quais, como nos mostra a letra da música, no trecho: “aproveite e lute como jovem. Porque aqui o Levante já vem, já vem...”, sugerem outras formas de resistir, numa contra hegemonia, buscando e promovendo aí, importantes rupturas.

Nesse processo de insurgência, partimos dos estudos de Walsh (2012), para entendermos a proposta de uma pedagogia decolonial, que, segundo Miranda (2014), “... podem ser oportunidades de estabelecermos diálogos mais *inter*, menos hierárquicos nos projetos educativos...” (p.1072).

Invertendo esse processo de silenciamento e subordinação, “propomos que a escola e seus profissionais busquem conhecer os jovens com os quais atuam, dentro e fora da escola, descobrindo como eles constroem um determinado modo de ser jovem” (DAYRELL, 2009, p. 17).

Nesse sentido, a ressignificação da escola, seus sujeitos e relações, partiria, segundo Walsh (2012), por um caminhar onde a interculturalidade e a decolonialidade seguiriam juntas, para assim, confrontar a matriz colonial, criando outras condições de poder, saber, ser, estar e bem-viver que se distanciem do capitalismo e sua razão única. Sendo assim, a escola caminharia para confrontar a discriminação, o racismo e a exclusão, na busca pela formação de cidadãos

conscientes das diferenças e capazes de trabalhar conjuntamente.

Para Concluir...

“Salve a Juventude” é uma letra atual, que descreve situações juvenis brasileiras. No entanto, dentre esses jovens, a música, apesar de ser a mesma, apresenta melodias diferenciadas, de acordo com suas novas condições juvenis. Essas letras são escritas e reescritas todos os dias e, em algum momento, se cruzam. De um lado, descrevem jovens que querem ser ouvidos, pois têm voz e querem ter vez; de outro, jovens negros que não se reconhecem nos espaços educativos, não dialogam com as estruturas sociais, econômicas e políticas de um Brasil tão diverso, porém, ainda tão repressor e desigual.

Com suas distintas melodias, “cantam” um mesmo “musical”, com: jovens, pobres, negros, mestiços, índios, colonizados por europeus e, portanto, subordinados pela dominação política, cultural e econômica europeia, mobilizados por recompor suas identidades juvenis, em busca de uma educação pública de qualidade e de direitos, por uma escola mais intercultural, crítica e decolonial, que os represente, que “fale suas línguas”, que “dance suas músicas”.

Nesse caminhar decolonial, as juventudes, suas escolas, educadores, gestores e pesquisadores, “quebrariam” o “espelho eurocêntrico”, fruto da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e seguiriam ultrapassando exclusões, preconceitos e discriminações, passando de Resistentes para Insurgentes e, como diz a música, reescrevendo suas histórias.

Referências

- ABRAMOVAY, M; ESTEVES, L. C. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E. R; ESTEVES, L. C. (Orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.
- CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n. 02, p. 145-159, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf>. Acesso em: 26 de abril de 2018.
- DAYRELL, J.T. A escola “faz” as juventudes? **Revista Educação e Sociedade**. v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, Campinas, out. 2007.
- _____. Uma diversidade de sujeitos: o aluno do Ensino Médio - o jovem desconhecido. In: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Salto para o Futuro, TV escola, Ano XIX, Boletim 18, Novembro, 2009.
- MIRANDA, C. Afro-colombianidade e outras narrativas – a Educação Própria como agenda emergente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.19, n. 59, out./dez. 2014.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2018.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. **Revista Visão Global**, Joaçaba, v. 15. n. 1-2, p. 61-74, jan./dez.2012.